

DO CLORO GASOSO AO CINEMA NACIONAL

Lucília Garcez

Um adágio chinês define a vida como “errar, errar, errar... cada vez menos, cada vez menos, cada vez menos...”

No caso do Brasil, estamos no caminho oposto. Parece que erramos cada vez mais e em uma quantidade maior de áreas: economia, saúde, educação, cultura. E o que é pior, erramos tanto individual quanto coletivamente.

Como indivíduos, erramos porque não aprendemos com os erros dos outros nem com os nossos próprios, e porque, às vezes, somos ousados, destemidos, audaciosos, imprudentes, inconseqüentes, desinformados, inocentes ou ignorantes. Dessa conjugação de curiosidade, valentia e desconhecimento pode sempre surgir um ato de insensatez como o do serralheiro Edivaldo Batista Pereira, que, em busca de ferro-velho, rompeu a válvula de segurança de uma cápsula, deixando escapar o cloro gasoso na periferia da capital federal.

Um faz-tudo, um quebra-galho dos vizinhos, um “técnico em várias especialidades”, improvisado como outros milhões de profissionais da informalida-

de, no meio da miséria e da pobreza do nosso lado indiano, que vive das sobras, do lixo, do ferro-velho, da sucata do nosso lado belga.

Poderia acontecer em qualquer outro lugar? É claro que sim, mas, se Edivaldo tivesse tido acesso a um processo mais justo de democratização da informação, da educação e da cultura, ele teria pensado duas vezes. Se ele fosse um leitor de jornais e revistas, por exemplo, poderia ter aprendido com o episódio de 1987, em Goiânia, quando um outro quebra-galho, num outro ferro-velho, Devair Alves Pereira, abriu uma cápsula de chumbo protetor do material radioativo césio 137, que contaminou setecentas pessoas e matou quatro, além de produzir um lixo perigoso de milhares de toneladas.

Se Edivaldo estivesse incluído no círculo que participa da distribuição, da circulação e do debate de informações da sociedade, teria idéia do risco a que estava expondo sua família e sua vizinhança. Se tivesse tido acesso a uma educação realmente efetiva, Edivaldo teria mania de ler instruções e reco-

mendações, saberia que produtos químicos podem ser altamente tóxicos, tanto que são utilizados como armas, com um poder devastador de destruição. Saberria também que esses produtos devem ser manuseados unicamente por profissionais e em condições adequadas. Saberes simples, banais, pragmáticos, que uma educação inclusiva assegura aos indivíduos, e que permitem um funcionamento mais harmônico dos grupos sociais, no sentido de que todos podem participar do sistema produtivo e social, dando a sua contribuição, por menos qualificada que seja, e evitando atropelos, acidentes e prejuízos.

Entretanto, nossos erros individuais muitas vezes são a consequência direta de erros coletivos. Nosso país erra coletivamente ao intensificar a fenda que separa a sociedade em duas: de um lado, os que têm acesso à informação e aos bens econômicos e culturais, e, de outro lado, os faz-tudo, os quebra-galho, os bóias-frias, os biscateiros, os pobres-diabos. Erra coletivamente ao olhar para as conquistas de outros povos sem se preocupar em saber que

aquilo tudo foi construído com base na educação; ao idolatrar o que vem de fora, esquecendo sua própria face. Erra ao menosprezar o que sua própria cultura produz e, conseqüentemente, impossibilitar seu florescimento e sua distribuição eqüitativa.

Se Edivaldo fosse parte do público do cinema nacional e tivesse tido a oportunidade de assistir a longa-metragem de Roberto Pires, césio 137, isto é, se lhe tivesse sido assegurado o direito de apreciar um produto cultural brasileiro, feito aqui, por brasileiros que tentam entender o próprio país, com nossos assuntos, nossos atores e nossos efeitos especiais, certamente a sua história seria outra e o filme não se repetiria.

Perplexos, condenados a assistir sempre ao mesmo filme da irresponsabilidade social e assustados com os incalculáveis riscos que essa sociedade corre a cada minuto, pensamos como Guimarães Rosa que “todo dia se aprende uma qualidade nova de medo”.

■ Lucília Garcez, professora da Universidade de Brasília, é escritora